

## Alguém tem que ficar no gol

Jorge Fernando dos Santos

*Ilustrações* Laurent Cardon

Série laranja nº 29

144 páginas

**TEMAS** Futebol, Amadurecimento,  
Recomposição familiar



O AUTOR Jorge Fernando dos Santos nasceu em Belo Horizonte (MG), em 1956, poucos anos após a derrota do Brasil para o Uruguai, tema de *Alguém tem que ficar no gol*. Também é compositor e jornalista, com longa atuação como repórter, articulista e editor. Seu romance *Palmeira seca*, adaptado para o teatro e a TV, foi vencedor do Prêmio Guimarães Rosa. Outro de seus mais de quarenta livros, *ABC da MPB*, integrou o catálogo da Feira de Livros Infantojuvenis de Bolonha em 2006 e recebeu o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). *O menino que perdeu a sombra* (2011) entrou para o catálogo brasileiro da Feira de Livros de Frankfurt, na Alemanha. Jorge Fernando também recebeu prêmios por sua obra teatral e tem mais de sessenta músicas gravadas.

O LIVRO *Alguém tem que ficar no gol* narra a história de Fred. O menino tem dez anos e adora futebol. Filho de pais separados, a vida dele se altera completamente quando Valquíria, sua mãe, decide morar com o novo namorado em outra cidade. Com isso, perde algumas referências, mas ganha outras, como a figura de um padrasto e um campo de futebol, atrás da nova casa. A história se desenvolve em torno da reconstituição de uma vida cotidiana que integre novamente as necessidades e interesses do menino, como sua paixão pelo esporte, os relacionamentos sociais e sua nova composição familiar. Aos poucos, à medida que conhece melhor seu padrasto, Fred recupera o ânimo e começa a se relacionar com o síndico do condomínio onde mora, que é um ex-jogador de futebol. Ali, o menino também conhece Babi, neta do síndico, e se torna amigo de um sujeito que tomou parte em um dos mais importantes episódios do futebol brasileiro: a final da Copa de 1950, no Maracanã.



## INTERPRETANDO O TEXTO

### ASSIMILANDO MUDANÇAS

O tema do amadurecimento é dos mais presentes na literatura infantojuvenil, sendo a adolescência muitas vezes entendida como o conjunto de etapas que conduz o indivíduo à vida adulta, quando ele se tornará responsável por seus atos e terá autonomia para fazer suas escolhas. A assimilação de mudanças exige e produz o amadurecimento, mesmo que se trate, como aqui, do amadurecimento de um menino de dez anos.

Em *Alguém tem que ficar no gol*, Fred resiste com dificuldade às transformações em sua vida familiar, pois sua condição de dependente não lhe permite interferir nas decisões dos adultos – “criança não tem que dar palpite em conversa de adultos, sabe como é” (p. 14), diz na linguagem peculiar a sua idade. Para ele, Marcelo é um “coroa barbudo e metido a intelectual ocupando a vaga de pai em nossa nova casa”, que ele considera só um “lugar no meio do nada” (p. 17), cujo silêncio lembra o de um cemitério.

Quando encara as coisas dessa maneira, Fred se comporta como uma criança birrenta. No entanto, em outros momentos, ele entende que é necessário empenho para se acostumar às novas circunstâncias:

Pior é que eu tinha que aceitar a nova situação, pois não adiantava nada ficar reclamando. Meu pai já tinha arranjado uma namorada paulistana e seria difícil nossa família voltar a ser o que era ou eu morar com ele, longe da minha mãe, não é mesmo? (p. 17-8)

Vencendo toda a má vontade que lhe desperta o padrasto, o menino reconhece que Marcelo “se esforçava para ser simpático” (p. 18), chegando a lhe oferecer de presente um livro de sua autoria. Nesses momentos, Fred mostra maturidade para compreender as várias nuances da situação em que se encontra.

### UMA HISTÓRIA E TRÊS OLHARES

*Alguém tem que ficar no gol* possui um traço passível de exploração em sala de aula: a história é contada em primeira pessoa por três narradores-personagens diferentes, que se alternam ao longo do romance. O primeiro capítulo é narrado por Marcelo,

## Mergulhando na temática

### FOCO NARRATIVO

Foco narrativo é o ponto de vista a partir do qual uma história é contada. Sempre que lemos uma narrativa é importante saber quem a está contando. Isso porque o ponto de vista implica certo tipo de abordagem e em geral exclui outras possibilidades de narração. Para contar sua história, o narrador pode adotar a primeira ou a terceira pessoa. Quando usa a primeira pessoa, ele constitui um narrador-personagem. Já na terceira pessoa, pode participar ou não da história que conta.

Por implicar uma perspectiva mais pessoal e fechada, a narração em primeira pessoa requer talvez um cuidado redobrado na avaliação do ponto de vista. O famoso romance *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, constitui um caso que vale a pena mencionar. O livro trata de uma história de adultério, na qual o narrador-personagem condena sua esposa por uma suposta traição. Muito tempo depois de publicado, alguns críticos literários passaram a desconfiar do ponto de vista do narrador, vinculando as suspeitas deste a sua posição de classe, relacionando as suspeitas de Bentinho à origem social mais modesta de Capitu.

O narrador de terceira pessoa pode ser onisciente, isto é, conhecedor do ponto de vista de todos os personagens, ou ter um conhecimento apenas parcial, constituído pelo que sabe de cada um. Os diversos tipos de narrador devem, portanto, ser considerados na análise de uma narrativa. E o mais importante é relativizar o conhecimento do narrador e desconfiar de sua perspectiva.

#### Para saber mais:

• FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 166-82, mar./maio 2002. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/53/15-norman-2.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

o segundo por Fred e o terceiro por Valquíria. O rodízio de narradores confere complexidade à trama, engajando o leitor no trabalho de articular diferentes perspectivas.

Por exemplo, Marcelo tem planos de plantar eucaliptos na área ocupada pelo campo de futebol. Ao saber disso, Valquíria questiona o companheiro sobre o impacto ambiental do projeto e sua adequação às normas do condomínio. Por sua vez, para Fred, os planos de Marcelo parecem absurdos e reveladores do total desinteresse do padraço por futebol. Nesse caso, nota-se claramente a mudança de perspectiva pelo modo como cada personagem considera a discussão. Além disso, resulta mais enriquecido o próprio assunto, que pode ser considerado pelo viés mercantil, ecológico e social (em razão da perda de áreas de lazer comunitário, conforme se verifica no capítulo XIII).

A mudança de **foco narrativo** também é percebida pelo leitor por meio das referências a outros personagens, das características atribuídas pelo narrador a si mesmo, do uso pronominal, das flexões de adjetivos etc.

Em contrapartida, nas descrições muito objetivas, fica mais difícil distinguir quem está narrando, como ocorre no primeiro parágrafo do capítulo IV:

A casa da chácara tinha dois andares de madeira e alvenaria, erguidos num platô do qual era possível contemplar a paisagem em redor. Da porta da cozinha e das janelas dos quartos, no andar de cima, dava para ver os ipês no alto do morro, ao fundo, onde terminava o terreno. Quando floresciam, eles enfeitavam de roxo e amarelo o nosso belo horizonte. (p. 21)

Só por esse trecho é difícil identificar quem fala, embora o vocabulário permita supor que não seja Fred, pois palavras como “alvenaria” e “platô” não costumam ser empregadas por crianças. Algumas linhas adiante, a intenção de plantar eucaliptos começa a esclarecer a identidade do narrador. Em seguida, quando se lê o trecho “Para mim, que não entendia nada do esporte [futebol]”, fica claro que o narrador é Marcelo.

O estilo e o vocabulário do narrador constituem boas pistas de sua identidade. Quando é Fred quem narra, nota-se o uso

\* Os destaques remetem ao item *Mergulhando na temática*.

recorrente de certas gírias (“véi”) e também a maior frequência de marcas de oralidade (“sabe como é?”, “não é mesmo?”, “tô” em vez de “estou”).

## A PRIMEIRA FAMÍLIA E AS OUTRAS

Um aspecto da narrativa a ser explorado é a situação do jovem inserido em uma nova conformação familiar, diferente do núcleo geralmente constituído pelo casal de pais biológicos. Esse tema é muito contemporâneo e permite tratar de necessidades infantis que podem ser satisfeitas em variados arranjos familiares.

Em 2007, um projeto de lei (2.285) foi proposto com o objetivo de atualizar o estatuto jurídico brasileiro relativo à família:

Casamentos, uniões estáveis, famílias recompostas, monoparentais, nucleares, binucleares, homoafetivas, famílias geradas por meio de processos artificiais... Esses são alguns dos diversos arranjos familiares do século XXI que compõem a nova realidade. PEREIRA, Rodrigo da Cunha. Estatuto das Famílias. *Folha de S.Paulo*, Opinião, 22 nov. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2211200709.htm>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

No caso de *Alguém tem que ficar no gol*, a separação dos pais de Fred, Arnaldo e Valquíria, ocasionou a formação de duas novas famílias: o trio constituído por Fred, Valquíria e Marcelo e a dupla composta por Arnaldo e sua nova namorada paulistana. De outro lado, Luísa, ex-mulher de Marcelo, permanece solteira para poder dedicar-se mais ao trabalho, sua verdadeira paixão. Com esse novo arranjo, a família de Fred expandiu-se, passando a incluir um padrasto e uma potencial madrasta.

## EUCALIPTOS E EQUILÍBRIO AMBIENTAL

O desejo de Marcelo de iniciar uma plantação de eucaliptos suscita um importante debate. Sua principal motivação é econômica, pois a venda da madeira possibilitaria transformar o antigo campo de futebol em uma área rentável. Entretanto, esse projeto implica também a mudança do **ecossistema**, com substituição da mata nativa por espécies estrangeiras e consequente impacto sobre a fauna e o solo. É Valquíria quem chama a atenção para tais problemas, preocupando-se com os limites estabelecidos pelas leis ambientais. Para Marcelo, “o progresso tem seu preço” (p. 62), posição que deve ser discutida e questionada.

## ECOSSISTEMA

É o conjunto dos seres vivos e do ambiente de determinada região. Um ecossistema é constituído por fatores bióticos, formas de vida que ali se desenvolvem, e abióticos, elementos ambientais como a água, o sol, o solo e o ar. Quanto maior for a diversidade de relações em dado ecossistema, maiores sua estabilidade e sua capacidade de assimilar desequilíbrios. Quando uma espécie surge em um ecossistema ou dele desaparece, ocorre uma série de adaptações. Certas espécies de árvores produzem alimentos para determinados pássaros. Estes, por sua vez, semeiam algumas espécies de plantas. Com o abate sistemático dessas árvores, o ambiente se altera, podendo ocasionar a migração das aves. Assim, todo o sistema se modifica, com consequências que resultam no aumento ou na diminuição da diversidade ecológica nele presente.

### Para saber mais:

- CALLEMBACH, Ernest. *Ecologia: um guia de bolso*. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- BOEGER, Walter A. *O tapete de Penélope: o relacionamento entre espécies e a evolução orgânica*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

### ASTRONOMIA INDÍGENA

Em relação à intimidade dos índios com o céu, explica Germano Bruno Afonso, físico e astrônomo, professor aposentado da Universidade Federal do Paraná:

“Trabalho muito com os índios, com Astronomia indígena, principalmente com os conhecimentos dos pajés. Sou astrônomo profissional, mas trabalho com o conhecimento indígena do céu. Muito daquilo que digo se baseia no modo como os pajés me ensinaram a fazer a leitura do céu. [...] Os índios e os povos antigos não faziam Astronomia só por fazer. Tudo tinha uma razão. Além da parte prática, com finalidade de orientação – os pontos cardeais – havia toda uma parte religiosa, de ritual, de culto aos mortos, de fertilidade etc., que também era ligada à Astronomia. Por exemplo, para os Tupi-Guarani, cada um dos pontos cardeais representa o domínio de um deus. O deus maior, que fica em cima da cabeça, é Nhanderu. Os demais quatro deuses, representados pelos pontos cardeais, foram aqueles que o ajudaram a fazer a Terra e todos os seus habitantes. Quanto à altura das pedras, os pajés explicaram que tal medida era para facilitar a mira do índio quanto à posição do nascer ou do pôr do sol, para ele se localizar melhor em relação às estações do ano. A pedra serve de mira, então você se afasta um pouco e ela tem que estar na altura dos olhos”. AFONSO, Germano Bruno. A impressionante Astronomia dos índios Brasileiros. A Nova Democracia, ano 3, n. 18, maio 2004. Entrevista concedida a Rosana Bond. Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br/no-18/835-a-impressionante-astronomia-dos-indios-brasileiros>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

## CIVILIZAÇÕES PRÉ-COLOMBIANAS E ARQUEOASTRONOMIA

Outro subtema de interesse é a pesquisa de Valquíria sobre profecias apocalípticas. Durante a pesquisa, ela estuda as civilizações pré-colombianas e suas tecnologias, as quais incluíam um sofisticado sistema de observação astronômica. Isso porque o apocalipse em questão diria respeito a um desastre de proporções estelares.

Valquíria ainda relata a descoberta, no México, de um campo de *pok-ta-pok* (jogo em que os competidores deviam, sem usar as mãos, os pés nem a cabeça, arremessar pesadas bolas de borracha através de aros de pedra situados nas extremidades do campo), construído pelos maias há mais de 2.500 anos. Lê-se no capítulo XVIII que os maias “acreditavam que os deuses criaram o Sol e a Lua depois de uma partida de *pok-ta-pok*, na qual derrotaram os senhores do mundo subterrâneo.” (p. 86)

Tal jogo era bastante violento, produzindo amiúde graves ferimentos e até mesmo a decapitação de competidores, cujo crânio era oferecido aos deuses. Há divergências quanto à natureza dos jogadores sacrificados (uma honra concedida aos vencedores ou a pena infligida aos derrotados?) e especulações sobre o emprego de crânios como núcleo das bolas utilizadas na competição. O que é seguro, entretanto, é que o jogo tinha conotação religiosa: como prática ritual, ele servia para revelar a vontade divina e orientar os sacerdotes na solução de problemas (disputas políticas, fundiárias etc.). O sangue nele derramado atraía a benevolência dos deuses e fertilizava a terra.

O desdobramento cósmico desses jogos rituais encontra paralelo na cultura de outros povos e é objeto da arqueoastronomia, disciplina que estuda vestígios arqueológicos da astronomia de povos antigos, como egípcios, romanos, gregos e, mais perto de nós, índios brasileiros.

A contemplação do céu sempre fascinou esses povos, que percebiam como certos fenômenos celestes (a alternância dia-noite, as fases da lua, as estações) definiam períodos mais e menos propícios para pescar, caçar, plantar e colher, o que justificava o registro dessas flutuações cíclicas.

No caso do Brasil, o registro da **astronomia indígena** pode ser encontrado em pinturas rupestres e em blocos de pedra (monólitos) com faces talhadas em direção aos pontos cardeais, blocos orientados para poentes e nascentes em solstícios e equinócios – tudo relacionado às constelações mitológicas indígenas.

## MEAGAEVENTOS ESPORTIVOS

A ideologia do consenso nacional, da união dos povos, do espírito esportivo, frequentemente utilizada como justificativa para megaeventos esportivos como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, também serve para ocultar o custo social desses empreendimentos. No Brasil, tal custo envolve, por exemplo, remoções forçadas da população pobre de áreas destinadas à construção de estádios e a obras de infraestrutura, o que contribui para o aumento do lucro das empreiteiras e fomenta a especulação imobiliária, fazendo com que recursos públicos sejam destinados ao atendimento de interesses privados.

Isso sem falar em uma série de medidas legais que concedem privilégios (cessão de patrimônio público, isenções fiscais e tributárias, exclusividade na exploração comercial de espaços publicitários) para empresas patrocinadoras, criando um capitalismo sem riscos, às expensas do poder público. Tais medidas vão aos poucos criando uma “cidade de exceção”, à margem dos planos diretores dos municípios, da legislação urbanística e até de alguns direitos protegidos pela Constituição Federal, como o direito à moradia.

Trava-se, portanto, um debate acirrado entre os defensores e os críticos desses megaeventos esportivos. Para avaliar seus benefícios e prejuízos, é preciso considerar de modo criterioso suas consequências nos planos político, econômico e social.

### Para saber mais:

- ARTICULAÇÃO Nacional dos Comitês Populares da Copa. *Megaeventos e violações de direitos humanos no Brasil*: dossiê, jun. 2012. Disponível em: <[http://www.portalpopulardacopa.org.br/index.php?option=com\\_k2&view=item&task=download&id=27](http://www.portalpopulardacopa.org.br/index.php?option=com_k2&view=item&task=download&id=27)>. Acesso em: 10 fev. 2014.
- LASSENCE, Antônio. Vai ter Copa: argumentos para enfrentar quem torce contra o Brasil. *Carta Maior*. 25 jan. 2014. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/Vai-ter-Copa-argumentos-para-enfrentar-quem-torce-contr-o-Brasil/30090>>. Acesso em: 12 fev. 2014.
- TOMAZINE, Eduardo. Por que "Não vai ter Copa?". *Passa Palavra*, 29 jan. 2014. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2014/01/90979>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

## FUTEBOL, HISTÓRIA E POLÍTICA

O futebol é considerado o esporte nacional, como registra a expressão, bastante conhecida, “Brasil, país do futebol”. Em *Alguém tem que ficar no gol*, o autor produz uma reparação histórica ao promover a revanche de um dos jogos mais importantes da história: aquele em que o Brasil foi derrotado pelo Uruguai, na Copa de 1950. Jogo em que o goleiro Barbosa foi condenado como único responsável pelo dramático desfecho. No livro de Jorge Fernando dos Santos, esse personagem ganha a possibilidade de se redimir, sendo apresentado como um sujeito simpático, brincalhão e amigável.

Quando o Brasil venceu sua terceira Copa do Mundo, em 1970, o país vivia um período conhecido como “anos de chumbo”, época de forte repressão às liberdades civis e violenta reação do Estado contra os movimentos políticos de esquerda. Nesse contexto, a conquista do tricampeonato funcionou como válvula de escape para as insatisfações sociais. Mais tarde, tal vitória foi considerada por historiadores um evento politicamente nocivo, pois desviou a atenção da população de suas preocupações e responsabilidades.

Em contraponto a esse uso alienante do esporte, cumpre lembrar os acontecimentos de junho de 2013, quando o Brasil assistiu a um conjunto de manifestações públicas que, iniciadas em São Paulo em protesto contra o aumento da tarifa de ônibus, espalharam-se por todo o país, passando a incluir outras pautas. Entre elas, estava o questionamento dos recursos investidos pelo Estado brasileiro em **megaeventos esportivos** como a Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil, e os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro.

Tal questionamento liga-se às frequentes violações de direitos humanos associadas a esses megaeventos e explica tanto a oposição à Copa das Confederações em 2013 (eclipsada pelos protestos de junho daquele ano) como a mobilização contra a Copa do Mundo (“Não vai ter Copa”) em 2014.

# DIALOGANDO COM OS ALUNOS

---

## ATIVIDADES DIDÁTICAS

### ANTES DA LEITURA

#### *A linguagem do jogo e os jogos de linguagem*

O professor pode começar falando da importância do esporte como atividade que promove a saúde e a socialização por meio de uma forma artificial de interação, com regras e objetivos predeterminados. Convém relativizar as noções de vencedor e vencido, lembrando que o principal objetivo do jogo é a diversão. O professor pede aos alunos que indiquem jogos que eles gostam de praticar, fazendo uma lista na lousa: bater figurinhas, pular corda, jogar amarelinha, esconde-esconde, pega-pega, pula-sela, bambolê constituem alguns exemplos passíveis de evocação.

A seguir, os alunos são incentivados a recolher expressões do vocabulário do esporte que se descolam do contexto esportivo e adquirem sentido figurado. Para estimular a turma, o professor começa apresentando locuções com a palavra “bola”. Exemplos: “dar bola” (encorajar, dar confiança, demonstrar interesse amoroso), “pisar na bola” (errar, fazer bobagem), “comer bola” (distrair-se, deixar-se enganar), “levantar a bola de alguém” (elogiar). Em seguida, introduzem-se outros termos e expressões, como “driblar” (iludir, enganar, contornar dificuldades), “chutar para escanteio” (dar o fora, dispensar), “bater na trave” (errar por pouco, quase acertar).

Depois disso, fora da sala de aula, cada aluno consulta seus familiares para ampliar o repertório de expressões futebolísticas. Por fim, compilam-se todas as expressões em um glossário, que será útil na atividade de produção textual proposta no final deste guia.

#### *Copas do Mundo e contexto histórico*

Ainda como preâmbulo à leitura, outra atividade a ser desenvolvida é uma pesquisa em grupo sobre as relações entre futebol e história nacional. Tal pesquisa pode ser feita em jornais, revistas, enciclopédias ou na internet, e objetivará reconstituir brevemente o contexto sociopolítico brasileiro nas Copas do Mundo em que o país se sagrou campeão.

Após a pesquisa, cada grupo apresenta uma cronologia das vitórias do Brasil na Copa, uma relação de eventos marcantes do período. Podem-se indicar presidentes da República, eventos artísticos, vestuário, informações sobre tecnologia, acompanhados de iconografia.

## DURANTE A LEITURA

### *Na grama e no ciberespaço*

A fim de estimular a reflexão sobre distintas formas de realização de um jogo, os alunos são instados a comparar uma partida concreta de futebol – com a presença do corpo, as disputas de bola, as condições climáticas (sol ou chuva) – com uma partida de futebol de botão, como as jogadas por Fred. A comparação pode incluir o mundo dos jogos eletrônicos e virtuais, fazendo os alunos pensar sobre as perdas e ganhos do jogo virtual, especialmente no que se refere à ausência de encontros, já que é possível interagir a distância, em condições de isolamento físico.

### *Debates*

Dividindo a turma em três grupos, o professor pode propor um debate sobre o projeto de Marcelo de plantar eucaliptos. Inicia-se a atividade com a leitura do capítulo XVI. O primeiro grupo adota a postura de Marcelo e defende o interesse econômico da atividade. O segundo segue Josias e defende a preservação do ecossistema em sua configuração original. O terceiro apoia a manutenção do campo de futebol em nome da valorização das áreas de lazer nas cidades e de sua importância para o bem-estar dos cidadãos. Essa atividade pode incluir entrevistas com professores de Biologia e História, pesquisa na biblioteca escolar e em sites. Seria interessante que cada grupo apresentasse exemplos concretos para embasar sua posição.

Outro assunto para debate, no mesmo formato, podem ser os megaeventos esportivos. Os grupos se dividem então entre os francamente partidários, os partidários em termos e os detratores. Nesse caso também, argumentos pró (incremento ao turismo, geração de empregos diretos e indiretos, receitas reaplicáveis em outros projetos, fora da área esportiva) e contra (desapropriações irregulares, violações de direitos humanos, uso de verba pública para enriquecimento privado) devem ser fundamentados com dados concretos, análise de documentos, estatísticas etc.



## Indicações de livros, filmes e jogos

### **Livros para o professor**

- DAOLIO, Jocimar (org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005. Reunião de seis ensaios sobre a violência no futebol, as superstições associadas ao jogo, a construção social da paixão do torcedor, a rivalidade entre torcidas, o estilo de jogo no futebol brasileiro, o futebol como espaço masculino.
- FRANCO JR., Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. O historiador analisa a importância do esporte na atual sociedade, não só do ponto de vista sociológico, mas também em seus aspectos publicitários e econômicos.
- FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. O livro investiga as raízes do estreito vínculo entre um esporte de origem estrangeira e a identidade nacional brasileira.
- PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota: 16 de julho de 1950 – Brasil × Uruguai*. Porto Alegre: L&PM, 2000. Baseado em fontes históricas, o livro reconstitui a derrota do Brasil na Copa do Mundo de 1950.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. O crítico literário analisa o papel do futebol na história e na cultura brasileira, tentando mostrar como o esporte repercute questões muito mais amplas do quadro da sociedade e da história.

### **Livros para o aluno**

- CARNEIRO, Flávio. *Prezado Ronaldo*. Ilustrações: Daniel Bueno. São Paulo: Edições SM, 2006. Garoto de doze anos apaixonado por futebol e literatura escreve cartas para o jogador Ronaldo Luiz Nazário de Lima, o Ronaldo Fenômeno.
- CASTRO, Jorge Viveiros de. *O melhor time do mundo*. Ilustrações: Daniel Bueno. São Paulo: Cosac & Naify, 2009. História ▶

### *O futebol na visão dos poetas*

O professor fornece aos alunos textos de diferentes registros textuais (poemas, crônicas, textos jornalísticos) que tomam o futebol como tema, explorando o uso figurado de expressões oriundas do jogo e as diferenças na maneira de representar a situação, os gestos e movimentos dos competidores, a interação com a torcida etc.

Por exemplo, Carlos Drummond de Andrade, na crônica “O mistério da bola”, incluída em *Fala, amendoeira* (São Paulo: Companhia das Letras, 2012, publicado originalmente em 1957), produz comicidade ao descrever uma partida de futebol à maneira de Homero, poeta épico grego, falando dos jogadores como semideuses:

Quando Bauer, o de pés ligeiros, se apoderou da cobiçada esfera, logo o suspeito Naranjo lhe partiu ao encaço, mas já Brandãozinho, semelhante à chama, lhe cortou a avançada. A tarde de olhos radiosos se fez mais clara para contemplar aquele combate, enquanto os agudos gritos e imprecações em redor animavam os contendores. [...] A essa altura, já o cansaço e o suor chegam aos joelhos dos combatentes, mas o Átrida enfurecido, como o leão que, fiado na sua força, colhe no rebanho a melhor ovelha, rompendo-lhe a cerviz e despedaçando-a com fortes dentes, para em seguida sorver-lhe o sangue e as entranhas, investe contra o desprevenido Naranjo e atira-o sobre a verdejante relva calcada por tantos pés celestes.

A sequência de epítetos para qualificar os jogadores (“o de pés ligeiros”, “semelhante à chama”), as imagens de luta (o combate, os gritos, o sangue) e o desencontro entre estilo elevado e matéria cotidiana surpreendem e divertem o leitor.

Já o poeta João Cabral de Melo Neto, no livro *Museu de tudo* (Rio de Janeiro: Alfaguara, 2009, publicado originalmente em 1975), lança mão de outros expedientes em um poema dedicado ao craque palmeirense Ademir da Guia:

Ademir impõe com seu jogo/ o ritmo do chumbo (e o peso),/  
da lesma, da câmara lenta,/ do homem dentro do pesadelo.//  
Ritmo líquido se infiltrando/ no adversário, grosso, de dentro,/ impondo-lhe o que ele deseja,/ mandando nele, apodrecendo-o.//  
Ritmo morno, de andar na areia,/ de água doente de alagados,/ entorpecendo e então atando/ o mais irrequieto adversário.

sobre a amizade entre garotos permeada pelo amor ao futebol.

- HOFFMAN, Mary. *O grande e maravilhoso livro das famílias*. Ilustrações: Ros Asquith. Tradução: Isa Mesquita. São Paulo: Edições SM, 2011. Com base em elementos concretos e cotidianos, o livro apresenta as mais diferentes estruturas familiares: extensas ou reduzidas, hetero, homo ou monoparentais, biológicas ou adotivas etc.

- MARINHO, João Carlos. *O gênio do crime*. Ilustrações: Mauricio Negro. 60. ed. São Paulo: Global, 2009. Clássico da narrativa infantojuvenil brasileira que conta a história de uma turma de garotos que investiga uma fábrica de falsificadores de figurinhas de um álbum de futebol.

### Filmes

- *Barbosa*. Direção: Ana Luisa Azevedo e Jorge Furtado. Brasil, 1988. 12 min. Baseado no livro *Anatomia de uma derrota*, conta a história de um homem que, atormentado pela derrota do Brasil na Copa de 1950, consegue voltar no tempo para tentar evitar o segundo gol uruguaio.

- *Boleiros: era uma vez o futebol*. Direção: Ugo Giorgetti. Brasil, 1998. 93 min. Reunidos em um bar, ex-jogadores de futebol relembram grandes momentos do esporte.

- *Campo dos sonhos*. Direção: Phil Alden Robinson. EUA, 1989. 107 min. Fazendeiro recebe uma mensagem mística dizendo que ele deve construir um campo de beisebol para que um antigo atleta volte a jogar.

### Jogo

- POK ta Pok. Disponível em: <<http://www.poktapokgames.com/inicio>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

Videojogo baseado no milenar jogo de bola pré-hispânico (em espanhol).

Aqui os versos não chamam a atenção pela linguagem inadequada ou grandiloquente, mas pela alternância de imagens (o chumbo, a lesma, a podridão, o torpor) que vão corrigindo a percepção para descrever de modo preciso o estilo inconfundível do jogador, o qual paralisava o oponente com a ilusão de lentidão.

Depois de chamar a atenção para o uso desses recursos (linguagem elevada, epítetos, metáforas), os alunos são estimulados a trazer outros exemplos de representação literária de cenas de futebol, identificando os “desvios” em relação à descrição objetiva (jornalística) dessas cenas.

## DEPOIS DA LEITURA

### *Produção textual*

Com base na ideia de que uma história é sempre contada de certo ponto de vista, o professor propõe aos alunos que descrevam uma partida de futebol brincando com o foco narrativo. Tal descrição será feita da perspectiva dos *objetos* que compõem o jogo e seu cenário: a grama, a bola, a trave, a rede, a arquibancada, o apito do juiz, as chuteiras. Para isso, cada aluno deve fazer um esboço, prevendo o que acontecerá em cada momento, antes, durante e depois da partida. Para essa atividade, seria adequado dedicar três aulas: a primeira para a explicação da proposta, a realização do plano e a confecção de notas sobre a “percepção” e a “voz” dos objetos, a segunda para redigir a primeira versão do texto e a terceira para correções, acréscimos e finalização. No momento da devolução dos textos comentados, o professor seleciona alguns para leitura em voz alta, a cargo do autor.

Outra ideia seria lançar mão do vocabulário e do estilo dos radialistas-locutores de futebol (descrição acelerada da sequência de movimentos/passes e o acúmulo de interjeições) para descrever uma cena totalmente afastada do universo esportivo. Por exemplo, narrar uma abordagem amorosa, uma paquera, como se fosse uma jogada, com dribles nos eventuais concorrentes, e passes ágeis em direção ao “beijo-gol”.

---

ELABORAÇÃO DO GUIA Iuri Pereira (graduado em Letras pela USP e mestre em Teoria Literária pela Unicamp. Organizador de edições de obras de Gil Vicente e Gregório de Matos).

PREPARAÇÃO E EDIÇÃO Fabio Weintraub

REVISÃO Marcia Menin